

SEMINÁRIO TEOLÓGICO MIZPÁ

TEMA

BIBLIOGRAFIA RONALDO LIDORIO

MATERIA: ATROPOLOGIA

Professor: Pr Junior Martins

Aluno: Rodrigo de Jesus Ramos

7ºSemestre

SUMÁRIO

Introdução.....	3
Bibiografia.....	4
Conclusão.....	5

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa tem com objetivo relata um pouco da vida do pastor, missionário e antropólogo Ronaldo Lidório.

Que tem dedicado sua vida na obra missionária e estudos de etnias pelo mundo, viveu nove anos no nordeste africano onde traduziu o Novo Testamento na língua nativa daquele povo, atualmente trabalha na Amazônia Brasileira como missionário e antropólogo, nas tribos indígenas; Ronaldo Lidório também é autor de vários livros.

BIOGRAFIA: RONALDO LIDÓRIA

Ronaldo Lidório é mineiro da cidade de Nanuque. Converteu-se a Cristo aos sete anos e aos 14 foi despertado para o trabalho missionário. Após completar 18 anos, ingressou em um seminário teológico e casou-se um mês depois de comemorar seu 23º aniversário. Com três anos de casado, foi morar, junto com sua esposa, em uma aldeia africana no interior de Gana para prestar assessoria à igreja Konkomba e consultoria antropológica e missiológica a países da África e da América do Sul. Após sete anos de dedicação, entregou o Novo Testamento traduzido inteiramente para uma das línguas dos Konkomba.

Desde 2001, Lidório e sua esposa Rossana, tem se dedicado ao plantio de igrejas, à análise lingüística e tradução da Bíblia e ao desenvolvimento humano e social na Amazônia indígena.

Atualmente trabalha entre os índios na região amazônica. O Rev. Ronaldo Lidório é missionário presbiteriano (APMT) e membro da Missão AMEM. Trabalha também como consultor voluntário na geração de estratégias para alcançar grupos animistas em diversos países. É doutor em Antropologia Cultural e autor dos livros Entre Todos os Povos, Konkombas, Novas Fronteiras, entre outros.”

Referencia: <http://apaixonadopormissoes.blogspot.com/2017/03/ronaldo-lidorio-biografia-artigos.html>

É pastor presbiteriano e missionário ligado à Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT) e WEC Internacional. Atuou no noroeste africano por 9 anos como plantador de igrejas e tradutor do Novo Testamento, entre o povo Konkomba-Bimonkpeln. Desde 2001 serve na região amazônica entre indígenas do Brasil. É consultor nas áreas de Missiologia e Antropologia para diversas organizações missionárias. Tem sua graduação em Teologia, pós-graduação e doutoramento em Antropologia e coordena diversas iniciativas de treinamento missionário nessas áreas. Autor de 15 livros, entre eles, Introdução à Antropologia Missionária, publicado por Edições Vida Nova. É casado com Rossana, com quem tem dois filhos, Vivianne e Ronaldo Junior.

Referencia: <https://vidanova.com.br/editora/team/ronaldo-lidorio/>

CONCLUSÃO

Concluo que esta pesquisa foi de grande valor para mim, descobri a importância de um missionário e antropólogo, engajado não só em estudar as etnias, mas em ensinar a verdade sobre Deus e seu amor.

UM POUCO DO PENSAMENTO E TEORIAS DE RONALDO LIDÓRIO

A quem somos enviados?

Outra questão importante é a quem somos enviados ou onde nos encontramos - uma questão geográfica, social e espiritual.

Um importante livro nesta área, escrito por um brasileiro, é *Comunicação e cultura: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto cultural*, de Ronaldo Lidório. No capítulo 5 ele trata dos métodos de pesquisa sociocultural, no qual ele propõe o que chama de observação participante, da observação dos sistemas adaptativos e teorias idealistas e o da observação do sistema simbólico. Sendo missionários, ou discípulos chamados dentro do nosso próprio contexto, boa parte disto pode ser resolvido mais facilmente.

De fato, a contribuição de Lidório está nas perguntas que ele levanta para o reconhecimento cultural. Cada um dos três segmentos encaminha para a construção de um empreendimento missionário contextualizado e fiel.

Ousaremos responder às perguntas a partir do contexto brasileiro, ainda que a complexidade brasileira nos impeça de não falhar em algum ponto. O questionário proposto por Ronaldo Lidório, se levado às últimas consequências, nos levaria a reescrever toda a história brasileira, o que não é nosso caso aqui.

Antropos

A nossa primeira abordagem é a abordagem Antropos. Ela é dividida em quatro questões básicas: história, ética, étnica e fenomenológica. Cada uma delas tem as suas perguntas e abordaremos à parte.

Quando falamos da dimensão histórica, tentamos responder a seguinte pergunta: qual a nossa origem? Ou ainda, quem somos nós? A dimensão histórica busca identificar a persona alfa da cultura, ou seja, quem é o seu Adão. A dimensão histórica tenta também descobrir o ponto alfa da cultura, ou seja, a cosmologia da cultura, como ela concebe a sua própria criação e surgimento.

Este segundo elemento é, quase invariavelmente religioso. Sempre que tentamos reconstruir a história brasileira, não é comum vermos relatos que levem em conta a história anterior aos anos 1500, isto porque, ao contrário de muitas culturas que possuem tradição oral e escrita, os índios preservam apenas a sua tradição oral. Neste

sentido, parece falha a ideia de que culturas de tradição meramente orais consigam preservar de fato sua cultura ao longo dos séculos intacta, já que as modificações não podem ser percebidas porque por falta da tradição escrita, elas são simplesmente impossíveis de ser comparadas.

A própria cultura indígena brasileira, ainda presente nas festas e símbolos do Brasil, é variada, e se fundiu com a cultura portuguesa e africana. De modo geral, índios seguem tradições de religiosidade animistas¹. Considerando a cultura atual brasileira, não podemos ignorar de forma alguma o catolicismo e a presença dos portugueses. No momento seguinte, temos a presença massiva de negros trazidos para trabalho como escravos. O catolicismo europeu segue os moldes anteriores da Reforma e da Contra Reforma. A chegada acidental de portugueses aqui, pois viajavam para a Índia, implica num impacto não previsto com uma cultura indígena nova. Diversas etnias africanas se colocaram aqui no Brasil, ligadas também em formas de superstição e manipulação do sagrado. Veja uma pequena lista de religiões que chegaram aqui pela via da escravidão:

1. Babaçû - Maranhão, Pará
2. Batuque - Rio Grande do Sul
3. Cabula - Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Santa Catarina.
4. Candomblé - Em todos estados do Brasil
5. Culto aos Egungun - Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo
6. Culto de Ifá - Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo
7. Encantaria - Maranhão, Piauí, Pará, Amazonas
8. Omoloko - Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo
9. Pajelança - Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas
10. Quimbanda - Em todos estados do Brasil
- .
11. Tambor-de-mina - Maranhão, Pará
- .
12. Terecô – Maranhão

¹ Animismo (do latim *animus*, "alma, vida") é a visão de mundo em que entidades não humanas (animais, plantas, objetos inanimados ou fenômenos) possuem uma essência espiritual. O animismo é usado na antropologia da religião como um termo para o sistema de crenças de alguns povos tribais indígenas, especialmente antes do desenvolvimento de religiões organizadas. Apesar de cada cultura ter suas próprias mitologias e rituais diferentes, o "animismo" é um termo usado para descrever o segmento mais comum e fundacional das perspectivas "espirituais" ou "sobrenaturais" dos povos indígenas. A perspectiva animística é tão fundamental, mundana e diária que os povos indígenas mais animistas sequer têm uma palavra no idioma que corresponda a "animismo" (ou mesmo a "religião"); o termo é uma construção antropológica, e não uma designação dada pelos próprios povos.

.
13 Umbanda - Em todos estados do Brasil

.
14 Xambá - Alagoas, Pernambuco

.
15 Xangô do Nordeste - Pernambuco
.

Em virtude da tradição dominante, a portuguesa, o catolicismo prevaleceu, mas de forma sincrética. As próprias tradições africanas se misturam com a católica e os deuses das tradições se misturam, ganhando seus paralelos numa e outra tradição.

A dimensão ética é dividida em culturalidade (heranças de agrupamento, de relacionamento e religiosidade) e reguladores sociais (leis, normas, hábitos, costumes e tradições). A dimensão ética tenta responder a seguinte pergunta: quais são os nossos valores? A culturalidade é descrita pelo conjunto de pensamentos que constroem as relações e cosmovisões de um povo.

Neste momento, é necessário tentar identificar valores não escritos sobre aquele povo. Um exemplo disto é nossa suspeita de que redes sociais no Brasil deram certo por conta de um complexo de vira-latas, ou mesmo por problema de autoimagem do brasileiro ao se comparar com estrangeiros. Falamos demais da necessidade de que o brasileiro tem de se valorizar e ter orgulho de si. Devemos perguntar o porquê disto.

Ainda neste quesito deve ser observado como as pessoas moram, como se organizam socialmente, como olham para a família, quais são os ritos de passagem como, por exemplo, da vida infantil para a adulta, para a realização de um casamento e mesmo de constituição de uma família. Os reguladores sociais dentro dos aspectos éticos nos dão a dimensão da escala de valores de uma comunidade ou de um povo. É o caso, por exemplo, de quando falamos que no Brasil já leis que pegam e leis que não pegam. É o caso do papel do malandro e, mesmo do conceito de Rui Barbosa de que, um dia, teríamos vergonha de sermos honestos.

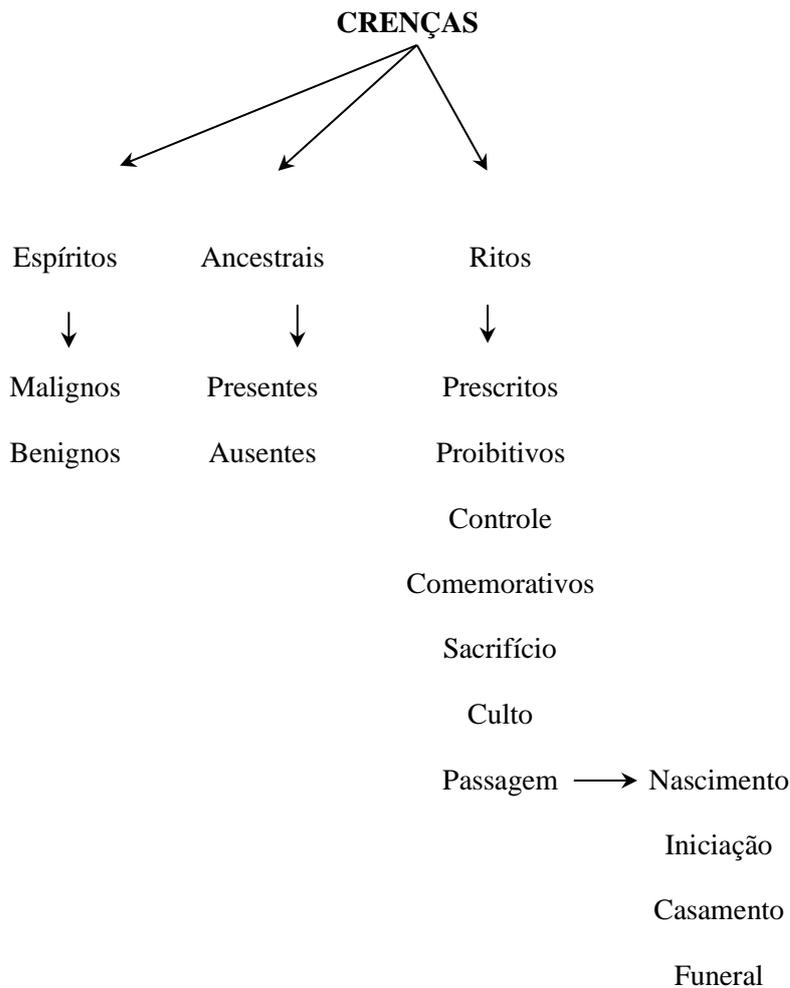
A dimensão étnica procura responder a seguinte pergunta: como nos organizamos socialmente? A dimensão étnica de um povo pode ser progressista ou tradicional, existencialista ou histórica, teófana ou naturalista, ou de culpa e vergonha. Sociedades progressistas são aquelas que apresentam rápidas mudanças sociais enquanto as tradicionais estão em forte inteiração com a história. Os existencialistas constroem a sua cosmovisão pela avaliação e adaptação das suas experiências enquanto os historicistas baseiam-se nas suas tradições.

Os teófanos possuem uma cosmologia abundante de mitos, ritos e categorizações do mundo, e são, de certa forma, representados em todas as culturas existentes, mas algumas, chamadas aqui de naturalistas, desenvolvem isto dentro do mundo visível.

Sociedades organizadas pela culpa tendem a ser éticas enquanto as organizadas pela vergonha são aéticas, ou seja, dentro de construtos sociais relativos. O Brasil parece se enquadrar dentro do aspecto progressivo, mas não tanto por avanços e melhorias quanto por mudanças constantes. Por ser um país conservador, procura preservar valores do qual tem se dado conta (lembramos que afirmamos que o brasileiro é conservador). Deus é brasileiro. O otário tem culpa, mas o malandro tem vergonha (de ser pego!).

Por fim, dentro do aspecto Antropos, temos o aspecto fenomenológico, ou seja, quais forças (religiosas) dominam nosso meio? Aqui ele apresenta o que chama de Sistema religioso Laburthe-Tolra e Warnier, segundo o quadro abaixo.

Lidório ainda aponta nove dimensões fenomenológicas fundamentais: deus, veneração, fetichismo, animismo, encarnação, deuses e deusas, deus, espíritos aéticos e espíritos éticos (2014, pág. 133).



Estamos certos da universalidade do sentimento religioso, por isto, estas escalas de reconstrução e compreensão da cultura, tornam-se fundamentais dentro do processo de contextualização da mensagem evangélica. O fenômeno religioso é comum a todas as civilizações modernas e antigas, a ponto de alguns afirmarem que *civilização é*

religião. A pós-modernidade, quando procura destituir o elemento religioso da sua análise, sempre faz um recorte deturpador da história de qualquer povo.

Resumindo, a compreensão de um povo pelo método Antropos, afirma que para conhecer o homem de uma cultura, devemos saber a sua origem, ou seja, de onde veio, os seus valores, ou seja, como ele pensa, a sua cultura, ou como vive em grupo, e a sua religião, enquanto forças que dominam seu pensamento e a sua vida. Agora voltaremos para a religiosidade especificamente.

Pneumatós

O aspecto do roteiro sociocultural Pneumatós, diz respeito diretamente à observação dos elementos religiosos e seus símbolos. A observação da cultura religiosa, segundo Lidório, pode, e deve ser feita de modo complementar baseada em quatro aspectos: analítico, axiomático, correlativo e explicativo.

O aspecto analítico diz respeito à observação passiva dos fenômenos religiosos da cultura, no qual cada evento deve ser anotado e questionado no sentido de apontar quais são seus elementos, quem são seus operadores, quais são os passos dados, como tudo converge ou diverge para uma conclusão, fases de êxtase, etc. Ainda diz respeito aos atos da vida, como a fertilidade, que na Bíblia é vista como mandato, conforme visto anteriormente, além da continuidade honrosa de um homem abençoado e na cultura brasileira até bem pouco tempo era a sobrevivência de uma família pela força de trabalho, daí o valor maior para filhos homens. Assistimos à redução das taxas de natalidade do brasileiro, acompanhadas pelo envelhecimento da população. Além disto, os atos da vida incluem: fecundação, concepção, gravidez, nascimento, iniciação, casamento, morte, funeral e pós-morte e, em todos aspectos, enxergamos a herança católico-portuguesa.

O aspecto axiomático procura no segundo momento perceber quais elementos, sentimentos e ideias podem estar presentes além do ritual, como reverência, medo, busca por proteção etc. Perguntas como: a vida é governada ou desgovernada? As forças sobrenaturais são pessoais ou impessoais? Predestinação ou acaso? Há revelações? Como atuam as forças místicas? Os seres são iguais, superiores ou inferiores? Atuam pela mágica, intervenções e pedidos pessoais? O crescimento do neopentecostalismo no Brasil nos ajuda a perceber que o brasileiro pensa num Deus pessoal, mas que opera pela mágica e pelos rituais, e que não considera o caráter do ofertante, mas sua fé e sacrifício pessoal como oferta e culto válido. Há uma consciência coletiva de que todos serão salvos do inferno por ofertarem corretamente.

O aspecto correlativo diz respeito à busca pelo elo entre os valores da cultura e a forma como os rituais religiosos se apresentam, ou seja, como os rituais religiosos refletem os valores constitutivos da comunidade cultural em análise. Neste sentido temos a presença de homens mediadores desta religiosidade e a importância do seu papel dentro da cultura. Há homens que não interagem com o mundo do além, mágicos que manipulam o sagrado e espiritual, espirituais são os que têm sonhos e visões,

sagrados que contam com a proteção do mundo espiritual, inspirados que falam e veem o mundo espiritual, místicos são os que transitam pelo mundo espiritual e, homens inumanos que transitam entre humanos, mas nunca foram homens de fato. Podemos perceber estes elementos na cultura bíblica e no Brasil. Basta por hora perceber o papel sobre-humano dado a padres, pais e mães de santo e, agora mais recentemente, a pastores.

O aspecto explicativo diz respeito às perguntas e respostas teológicas que compõem tais rituais, ou seja, quais os princípios e doutrinas impressas ali, e qual a visão que tal cultura tem do deus conforme concebem. Mais objetivamente, diz respeito à forma como as figuras invisíveis são qualificadas e percebidas pela cultura. Lidório fala de seis qualificações. A primeira é a dos espíritos dos antigos, ou seja, são os espíritos ancestrais que já foram humanos, mas agora não são mais e exercem papel influente na cultura atual. A segunda categoria é dos espíritos espirituais que nunca foram humanos, foram criados ou surgiram simplesmente. A terceira categoria diz respeito aos espíritos espirituais bons, como os anjos, por exemplo. A quarta categoria é dos espíritos espirituais maus, como a figura dos demônios. A quinta é dos espíritos espirituais aéticos, que são espíritos muito presentes no animismo (indígenas) e que não são confiáveis. Por fim, os espíritos não espirituais, que vivem aquém e sem contato, sobre os quais se ouve falar, mas são inacessíveis.

Estes apontamentos, no Brasil, são fundamentais para a compreensão das barreiras para o Evangelho por aqui, já que o caráter religioso brasileiro está impregnado com a superstição e caracteres animísticos e de manipulação do sagrado.

Angeles

O roteiro de pesquisa sociocultural Angeles, baseia-se no norteamento da comunicação, e procura levantar conclusões em todos os seus aspectos. Do mais simples ao mais complexo, às conclusões que levem às aplicações e à teologia bíblica adequada.

As conclusões simples dizem respeito às observações no nível Antropos questionando se a cultura é tradicional, histórica e teófana, ou se ela é cerimonialista não totêmica etc. (2014: 172-173). As mais complexas dizem respeito ao cruzamento destas informações em comparação com o Evangelho.

Numa cultura tradicionalista, sua história é fundamental na construção da sua religiosidade. Neste sentido, como as narrativas bíblicas podem se encaixar? Como a narrativa de Jesus pode encontrar pontos de apoio? As conclusões aplicadas dizem respeito à coletânea inicial de pressuposições cristãs em continuidade com aquela cultura com a seleção de textos e histórias bíblicas, teologias etc. As teologias bíblicas: criação, queda, redenção (Cristo e a Igreja) e a consumação podem então ser adaptadas à cultura.